

A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O TEMA GERADOR COMO FERRAMENTA DE AÇÃO, REFLEXÃO E CONEXÃO COM O MUNDO DO TRABALHO – EDUCAÇÃO E AMBIENTE NA FORMAÇÃO DE JOVENS RURAIS NO AMAZONAS

Alternation Pedagogy as Generator and Action Theme as ReAction, Connection and Action Tool for The World Of Work - Education and Training Environment for the Rural Youth In Amazonas

Maria das Graças Serudo Passos, gracapassos@ifam.edu.br¹

*Sou aprendiz! Aprendo noite e dia.
Penso sempre no sol e no brilho do outro dia.
Navego por essas águas, caminho por esse chão.
Oh! Amazonas que amo de coração.
Estudo suas belezas, respiro suas riquezas.
Flores coloridas, águas escuras, claras e barrentas.
Com isso, aprendo e chego a uma definição,
que toda essa grandeza é uma cadeia de ligação.
São Aóres que dão vidas a outras vidas por meio da polinização.*

(Trecho da poesia Pequena Aprendiz de Angelita Maria Rodrigues Assunção – Egressa do Curso Agente de Desenvolvimento na Agricultura Familiar/PROEJA/FIC).

Resumo: O artigo em questão é o resultado de pesquisa realizada junto aos estudantes matriculados no IFAM/Campus Manaus Zona Leste, no curso Agente de Desenvolvimento na Agricultura Familiar, na modalidade PROEJA/FIC, norteado pela práxis educativa da Pedagogia da Alternância, em desenvolvimento na Casa Familiar Rural, no município de Boa Vista do Ramos - Amazonas. Os Temas Geradores juntamente com as disciplinas do Núcleo Comum compõem o Plano de Formação, que por sua vez, norteia todo o itinerário formativo do curso. Apresenta relatos de experiências desenvolvidos mediante o Tema Gerador Meliponicultura: Manejo de Abelhas Indígenas Sem Ferrão. É uma ação compartilhada do IFAM/Campus Manaus Zona Leste e Associação Regional de Casas Familiares Rurais do Amazonas.

Palavras chave: Pedagogia da Alternância. Educação. Trabalho. Ambiente. Juventude Rural. Desenvolvimento Local.

Abstract: *The article in question is the result of research conducted with students enrolled at IFAM / East Zone Campus in Manaus, in the course named Development Agent in Family Farming in PROEJA / FIC mode, guided by Alternation Pedagogy educational praxis, which was developed in the Rural Family Houses in Boa Vista do Ramos city - Amazonas. The article presents reports on experiments designed by the Meliponiculture generator theme: Management of Indigenous stingless bees. It is a shared action between IFAM / Manaus East Zone Campus and the Rural Family Houses Regional Association in Amazonas.*

Keywords: *Alternation Pedagogy. Education. Work. Environment. Rural Youth. Local Development.*

¹Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ



Mediante relação institucional do IFAM/ Campus Manaus Zona Leste e Associação Regional de Casas Familiares Rurais do Amazonas vêm sendo desenvolvidas ações voltadas à formação de jovens e adultos de comunidades rurais do município de Boa Vista do Ramos no Amazonas. Esta relação institucional vem acontecendo através de Termo de Cooperação Técnica cujo objeto é promover a inclusão social bem como maior articulação com as comunidades locais em seu processo de desenvolvimento, visando à formação e inserção profissional de egressos, além de atuar nos arranjos produtivos e demandas específicas de grupos oriundos dos povos e comunidades tradicionais, nos movimentos sociais e na sua própria região ou comunidade e fortalecer as relações familiares, comunitárias, a economia local, as organizações sociais e a cultura local.

Os Temas Geradores¹ juntamente com as disciplinas do Núcleo Comum compõem o Plano de Formação (Matriz Curricular) do curso Agente de Desenvolvimento na Agricultura Familiar na modalidade PROEJA/FIC, sendo todas as ações norteadas pela práxis educativa da Pedagogia da Alternância com seus instrumentos e referências pedagógicas.

No estudo em alternância do curso em questão, os jovens passam um período na Casa Familiar Rural em regime de internato e outro na propriedade familiar, também chamada de meio sócio-profissional. Assim, a Pedagogia da Alternância propicia estudo em tempo e espaço, sendo dois momentos distintos e complementares.

A Pedagogia da Alternância, através de seus instrumentos pedagógicos, oportuniza meios para que o estudante se aproprie dos conhecimentos científicos somando e interagindo com o que já sabe, e assim, agregando saberes na construção de novos conhecimentos, criando suas próprias condições de trabalho em seu meio sócio profissional (família e comunidade) a partir da vi-

¹Os temas geradores são oriundos de pesquisa local e se constituem em temas profissionais que, junto com as disciplinas do núcleo comum, compõem o plano de formação ou matriz curricular. (PASSOS, 2011, p. 43).

vência que ele tem, e do conhecimento que ele é capaz de gerar. (PASSOS, 2011, p. 48).

Neste artigo, daremos ênfase ao Tema Gerador Meliponicultura: Manejo de Abelhas Indígenas Sem Ferrão², pertencente ao eixo Recursos Naturais, ressaltando que os demais Temas Geradores não são menos importantes, entretanto, o tema em questão tem sua relevância por se tratar de uma atividade que está integrada a todas as demais e é desenvolvida por todos os associados da Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos - CFR de BVR³, além de associar família, produção, trabalho, educação ambiental, saúde, comercialização em meio aos diversos ambientes terrestres e aquáticos.

Conforme descrição do Relatório Anual de Avaliação da CFR de BVR de 2009, a Meliponicultura logrou espaço na Matriz Curricular profissionalizante do PROEJA/FIC desenvolvido na CFR de BVR, como um dos Temas Geradores que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2002. Inicialmente, trabalhado através de oficinas junto de famílias associadas a CFR de BVR por instrutores do Instituto Iraquara⁴. A partir de 2004, passa a ser desen-

²A Meliponicultura vem sendo conceituada como a arte de manejar as abelhas indígenas sem ferrão.

³A Associação Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos é um ambiente educativo no meio rural, onde se desenvolve a formação geral e profissional de jovens e adultos. Tem como objetivo oferecer alternativas de desenvolvimento econômico, social e ambiental para os/as jovens e suas famílias, melhorando a qualidade de vida e, conseqüentemente, possibilitando a permanência do/da jovem no meio rural com padrões de vida compatíveis com o mundo atual. É administrada por uma associação de famílias da região, através de um Conselho de Administração que representa as diversas comunidades, eleito em Assembleia Geral. A CFR de BVR é mantida através de um sistema de colaboradores, com o apoio dos Órgãos Públicos, Privados, ONGs e Entidades de Classes (Cooperativas, Sindicatos, Associações, Igrejas etc.). Sua sede está situada na comunidade rural Boa União, às margens do Paraná do Ramos, em uma área de 2 hectares, sendo dois ambientes: terra firme e várzea.

⁴Instituto Iraquara, organização não-governamental, que desenvolve atividades desde 1998 em diversos municípios do Amazonas, através de vários experimentos, buscando promover a Meliponicultura como uma atividade agroecológica economicamente rentável para as comunidades. Dentre seus financiadores por ocasião dessa pesquisa, recebe apoio da Fundação AVINA, da PETROBRAS através do Programa Fome Zero, com o Projeto Mel da Amazônia. (Relatório anual de avaliação da CFR de BVR, 2009).

volvida por monitores-professores da CFR de BVR, que buscaram se especializar por meio de oficinas e cursos diversos.

Apesar das descrições dos Relatórios da CFR de BVR terem constatado que todas as famílias com jovens matriculados no PROEJA/FIC das turmas anteriores e da atual praticam o manejo das abelhas sem ferrão, o Gráfico nº 1 representa apenas as famílias de jovens em atividades letivas por ocasião da pesquisa de campo neste trabalho. A criação de animais de pequeno, médio e grande porte consta do referido gráfico, para efeito comparativo, tendo em vista que essas criações são produções manejadas nos quintais agroflorestais e são destinadas, quase que exclusivamente, a atender à necessidade da família.

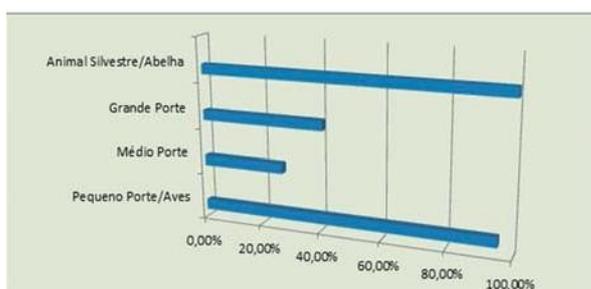


Gráfico 1: Quantitativo de animais manejados nas propriedades pesquisadas.
Fonte: Passos, 2011

As abelhas sem ferrão são nativas do Brasil. Elas se originaram aqui e, a partir daqui, se distribuíram para todo o mundo, mas hoje ocupam só a região tropical do planeta. (SILVA et al. 2000, p. 3) aponta que, na Amazônia, existe atualmente um grande número de espécie de abelhas sem ferrão, as quais podem ser manejadas de modo racional, visando à produção de mel, pólen, própolis e outros produtos e subprodutos em níveis comercialmente viáveis. Kerr (1996) afirma que as abelhas brasileiras sem ferrão são responsáveis, conforme o ecossistema, por 40 a 90% da polinização das árvores nativas. As 60 a 10% restantes são polinizadas pelas abelhas solitárias, borboletas, besouros, morcegos, aves, alguns mamíferos, água, vento, e, recentemente, pe-

las abelhas africanizadas. (KERR et al. 1996).

Os dois grandes grupos são conhecidos como Meliponas e Trigonas. Conforme Zilse et al., (2005 p. 9), as Meliponas são abelhas grandes, que chegam a medir um centímetro e meio. Fazem a entrada dos seus ninhos usando barro e própolis. As mais conhecidas entre elas são a jupará, a urucu, a jandaíra e a melde-pau. Quanto às Trigonas são abelhas pequenas, conhecidas como abelhas enrola-cabelo, lambe olhos, mosquito, canudo, irapuá. A entrada de seus ninhos tem formato de tubo

Nome Comum	Espécie
Jupará	Melipona compressipes
Uruçu-boca-de-renda	Melipona seminigra
Uruçu-boi	Melipona nebulosa
Nariz-de-anta	Melipona lateralis
Uruçu-boca-de-ralo	Melipona rufiventris
Beicho	Melipona ebúrnea
Jandaíra	Melipona fulva
Canudo	Scaptotrigona sp

Quadro 1: Espécies de abelhas indígenas mais criadas na Amazônia.

Fonte: Zilse et al., 2005

e é construída com cera.

Durante o período de pesquisa, foram realizadas atividades de campo através de visitas a comunidades⁵. Estas visitas nos permitiram observar aspectos peculiares das famílias, relacionados ao envolvimento com o Projeto Profissional de Vida do Jovem – PPVJ⁶, além de nos oportunizar a participação em oficinas de Meliponicultura. Na ocasião, foram feitos os registros de depoimentos de membros da família de egressos.

Meu filho, o Messias começou a estudar em 2002, na primeira turma do PROEJA/FIC. Naquele tempo algumas famílias não acreditavam

⁵As comunidades visitadas foram: Boa União, Santo Antônio do Rio Urubu, São João do Amandio, São Pedro do Tamuatá e Cristo Bom Pastor do Pari.

⁶Projeto Profissional de Vida do Jovem – PPVJ é um projeto contextualizado como um componente curricular do Plano de Formação (matriz curricular) do Curso Agente de Desenvolvimento na Agricultura Familiar.



no projeto. Todo mundo era muito desconfiado- Até eu. Mas hoje está lá, tudo funcionando certinho, e todo mundo vê que o nosso esforço, dos nossos filhos, dos monitores valeu a pena. Depois foi a vez da Adelcilene na segunda turma e agora o Jonathan na terceira turma. Todos nós aprendemos muita coisa que desenvolvemos em nossas propriedades. As abelhas são um exemplo. Ao longo de minha vida sempre trabalhei com a pecuária, mas foi através desse curso com o Projeto Profissional de Vida do Jovem, elaborado por meu filho Messias, durante a primeira turma do curso na Casa Familiar Rural, que me fez ver a importância desses bichinhos pra nós e pra natureza. Antes a nossa vontade era criar boi. Mas agora, somos meliponicultores. As abelhas trabalham junto comigo e não me cansam. Só me dão lucro, alimento e felicidade. Além disso, tenho a alegria de ver todos os meus filhos aqui, trabalhando junto comigo. (Depoimento de pai de egresso, Comunidade Santo Antônio do Urubu, BVR).

Já são quase dez anos que lido com as abelhas sem ferrão. Trabalhamos em família. As espécies que cultivamos são as Meliponas Compressipes e Seminigra. Inicialmente, antes de estudar na CFR, meu desejo era trabalhar na pecuária criando boi. Inclusive, quando realizaram a Pesquisa Participativa da primeira turma, me perguntaram qual era o meu projeto de vida. Eu respondi que era a pecuária. No decorrer dos anos com os estudos na CFR comecei a perce-

ber alternativas, outros projetos. O gado demora uns três ou quatro anos, com muita dedicação e trabalho, para nos render uns R\$ 500 ou R\$ 600 na hora da venda. Com as abelhas, em três ou quatro meses, conseguimos faturar mais que isto. E, para sorte do meio ambiente, parte do dinheiro que ganhamos agora investimos em reflorestamento, com árvores frutíferas, que as abelhas ajudam a polinizar e a produzir muito mais frutas, de maneira totalmente sustentável. Na natureza as abelhas fazem seus ninhos em troncos ocos de árvores. Mas, pra praticar a Meliponicultura, precisamos usar as tecnologias para garantir a segurança de uma colônia, que abriga abelhas faxineiras, nutrizes, arquitetas ventiladoras, guardas, campeiras, zangões e até duas rainhas; uma delas é mantida quase mumificada, para ser despertada se algo acontecer com a outra soberana. Aqui na nossa região, o guaraná estava em queda até intensificarmos o trabalho com as abelhas. Elas entraram com a polinização, sem ninguém pedir e, a produção de guaraná aumentou. (Depoimento de egresso do Curso ADAF/PROEJA/FIC).

Tratando-se da mão-de-obra familiar, Oliveira (1990, p. 69) aponta a força de trabalho familiar como um dos elementos estruturais da agricultura camponesa. “A força de trabalho familiar – é o motor do processo de trabalho na unidade camponesa; a família camponesa é um verdadeiro trabalhador coletivo”.

Essa singularidade do trabalho do agricul-

Figura 1: Fachada da casa de egresso, quintal com meliponário e a placa com a logomarca do Projeto Mel da Amazônia.
Fonte: ARCAFAR – AM, 2010.

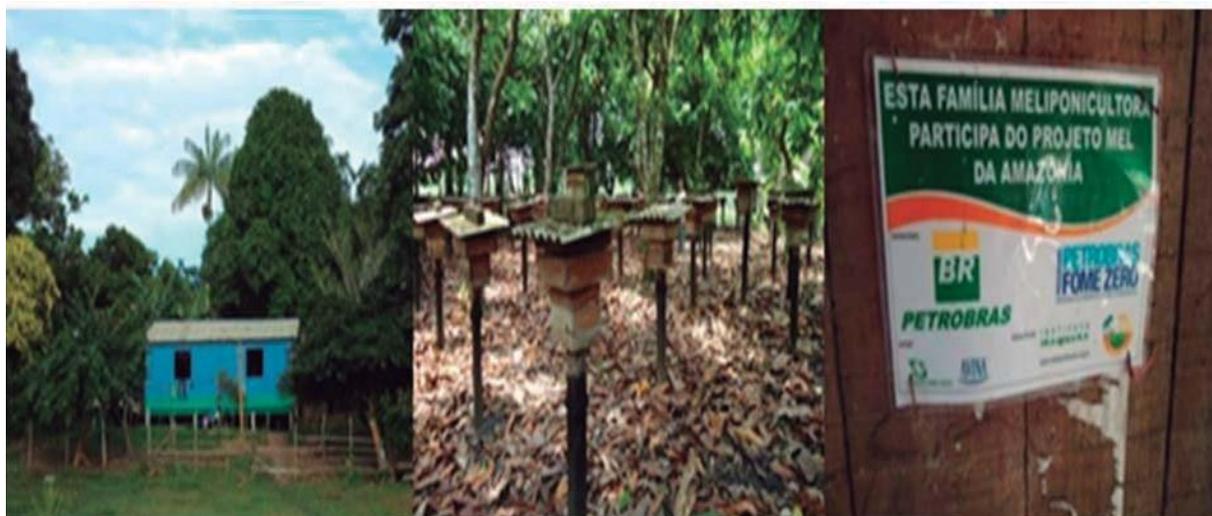




Figura 2: Egresso (camisa CFR) e irmãos em seu meliponário e egresso ministrando palestra na Oficina de Meliponicultura por ocasião da visita de jovens do intercâmbio da Juventude Rural do Brasil (setembro 2010).

Fonte: ARCAFAR – AM (2010).

tor familiar difere do trabalho assalariado, visto que este, o trabalhador, vende sua força de trabalho para depois comprar o que ele necessita para atender suas necessidades.

Contudo, a realidade de grupos pertencentes aos povos e comunidades tradicionais que habitam as áreas de várzea do Amazonas vive e trabalha em três ambientes – terra, águas e florestas onde retiram os meios de sobrevivência de que necessitam. Essa categoria social, com características e essências próprias, socialmente determinadas na história, assumem especificidades, tendo a força geradora do trabalho familiar na garantia e manutenção de seu sustento. Assim, o tanto de energia despendida nos trabalhos diários em suas diversas atividades relacionadas aos componentes do sistema de produção, sejam as práticas de extrativismo, cultivo de roça, criação e manejo de animais, caça, pesca, atividades domésticas, são apropriadas pela família, ou seja, voltam na forma de consumo e bens. Dessa forma, esses agentes reproduzem as condições materiais de existência da própria família. Con-

forme Noda (2007):

Subsistema de auto-suficiência e sustentabilidade familiar – a unidade de produção é constituída por uma intrincada e articulada rede de atividades produtivas assentadas, basicamente, na força de trabalho familiar e freqüentemente, no acesso às quantidades suplementares deste fator de produção, através das relações de solidariedade estabelecidas dentro dos grupos sociais (relação de ajuda mútua).

Fraxe⁷ (2000), quando se refere aos homens anfíbios como um personagem não tipicamente capitalista, enfatiza que o agricultor familiar do Amazonas apresenta características tradicionais em seu sistema de produção agroflorestal, oriundas de práticas indígenas e caboclas de produção. Essas características lhes conferem a construção de um campesinato entremeado de especificidades, onde a terra e a água se complementam, buscando o equilíbrio da vida.

Mesmo que o lucro faça parte do universo do sujeito ribeirinho, afinal, ele está inserido num sistema maior, isso não quer dizer que sua ausência rompa com sua condição de ribeirinho, de agricultor, de extrativista em seu

7 FRAXE (2000) usa a metáfora anfíbio para qualificar o sujeito ribeirinho do Amazonas que, vivendo às margens dos rios, sobrevive tanto da terra como da água.



território das águas, da terra, das florestas, da cultura e das relações sociais.

Também, podemos dizer que essa lógica da produção familiar ribeirinha não representa necessariamente o isolamento desse sujeito em seus territórios com o mercado, visto que são várias as formas de organizações presentes. Isto inclui as associações, cooperativas e grupos organizados que, nos últimos anos, têm crescido no município, onde determinados produtos são comercializados através das redes de autogestão.

No caso específico da produção de mel, a maioria das famílias associadas à CFR de BVR optaram pela comercialização do seu produto, via cooperativa. Isto inclui controle sanitário, desumidificação, embalagem do produto, dentre outros.

As famílias que manejam as abelhas indígenas sem ferrão nas diversas comunidades de BVR desenvolvem essa atividade próxima a casa. Isto ocorre porque essas abelhas não oferecem perigo de picadas, além de facilitar o manejo diário das colmeias quando se faz necessário. Tal decisão acarreta responsabilidade da família quanto à manutenção dessas espécies. O não uso de agrotóxicos; o cuidado com resíduos e dejetos domésticos; esgotos, fossas e privadas devem ser mantidos fecha-



Figura 3: Paisagem de duas propriedades na Comunidade Cristo Bom Pastor do Pari: Família meliponicultora e família que desenvolve apenas a pecuária com criação de gado. Fonte: ARCAFAR/AM (2010).

dos ou cobertos com material seco; o cuidado com a higiene e sanidade dos animais domésticos; o constante estudo e observação das espécies vegetais visitadas pelas abelhas como forma de garantia de alimento das mesmas; construções de viveiros para propagação de plantas para incrementos dos jardins ao redor da casa, bem como o reflorestamento de áreas desmatadas. Do ponto de vista biológico, o manejo de abelhas também é importante porque esses insetos, ao coletarem pólen e néctar de flor em flor, promovem a polinização e asseguram a perpetuação de milhares de plantas nativas e das exóticas cultivadas. Esses são pontos fundamentais para o bom manejo das



Figura 4: Oficina de Meliponicultura desenvolvida na propriedade de egressa. (setembro 2010). Fonte: ARCAFAR – AM, 2009

abelhas e o sucesso das famílias.

A Figura 3 ilustra duas propriedades na Comunidade Cristo Bom Pastor do Pari. A área de Agrofloresta pertence à família da jovem Orilene Baraúna egressa da CFR. Dentre os vários elementos de produção da propriedade, está o manejo de abelhas. Possui um meliponário com 50 colmeias. O terreno vizinho na mesma figura, por ocasião dessa pesquisa, desenvolvia apenas a pecuária com criação de gado. Assim, podemos dizer que a paisagem de uma propriedade identifica uma família meliponicultora.

A Figura 4 ilustra o momento de aulas práticas na oficina de Meliponicultura, realizada em período de coleta de mel. Para garantia de qualidade do mel, usam-se equipamentos, tais como: coletor de mel e equipamento de higiene.

Constam no Relatório Anual de Avaliação da CFR de BVR do ano de 2009, as principais vantagens de manejar tecnicamente as abelhas indígenas sem ferrão:

1. Viabilidade Econômica com geração de trabalho e renda;
2. Redução do desmatamento, pois, quanto mais intocada a floresta, maior a recuperação da cobertura vegetal, maior a quantidade de flores, frutos e de mel;
3. Adoção de práticas para manutenção do uso da terra no cultivo de culturas sem o uso do fogo e de agroquímicos;
4. Ação e prática sócio-educativa resultando em organização social e comunitária;
5. Mudança de paisagens com reflorestamento e incrementos de pomares e jardins agrofloretais;
6. Mudança de hábitos de higiene e cuidado quanto ao destino dos resíduos orgânicos gerados na unidade familiar;
7. Incremento no hábito alimentar com o uso nutricional e terapêutico do mel e seus componentes;
8. Inclusão de gênero e da melhor idade;
9. Manejo e manutenção sem risco de picadas, pois as abelhas indígenas possuem ferrão atrofiado e por isso não oferecem perigo;
10. Ao contrário de grandes investimentos agrícolas e agropecuários, a Meliponicultura demanda baixo custo inicial, de implantação e de

manutenção.

11. Distanciamento do risco de extinção das melíponas, na região de cultivo das práticas melíferas;

12. Promoção de projetos comunitários de educação ambiental desenvolvido em diversas comunidades, voltados ao manejo de abelhas sem ferrão, tendo como público crianças das escolas municipais e como instrutores estudantes e egressos do PROEJA/FIC.

Essas vantagens têm levado estudantes, egressos com suas famílias e professores-monitores a valorizar a Meliponicultura não só pela importância econômica e social, mas pela formação de uma consciência ambiental.

Esta pesquisa nos revela que a Meliponicultura, como Tema Gerador da matriz curricular do curso em questão, tem inteira conexão com o mundo do trabalho, educação e ambiente bem como revela a satisfação humana por se tratar de uma atividade manejada quase que exclusivamente nos quintais, rompendo com práticas predatórias e danosas de uso dos recursos naturais, por práticas sustentáveis.

Em momentos de conclusão de cursos, os estudantes ao apresentarem à comunidade seus projetos, seja em que eixo for (vegetal, animal, humano ou recursos naturais) a Meliponicultura está sempre presente como elemento de um sistema de produção. Fazendo uma analogia, diríamos que é como “o peixe e a farinha” que não podem faltar na mesa do ribeirinho amazônico. Essas evidências podem ser observadas no decorrer da formação do jovem e na apresentação dos trabalhos de conclusão de curso, conhecido na CFR como Projeto Profissional de Vida do Jovem.

Tais considerações nos levam a compreender que a imbricada cadeia de ligação, baseada no sistema de produção do ribeirinho bem como sua estreita relação com o mundo do trabalho, favorece a ligação homem – natureza, combinando e revelando com o que está presente nos versos de Assunção, quando diz que toda essa grandeza é uma cadeia de ligação.



REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ARROYO, M. G., CALDART, R. S. e MOLINA, M. C. (Orgs.). *Por Uma Educação do Campo*. 2ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2005.

BRASIL.PROEJA, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. *Documento Base*. Brasília, 2007.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULOS. *Agroecologia como matriz disciplinar para um novo paradigma de desenvolvimento rural*. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, Florianópolis. Anais, Florianópolis: CBA, 2005.

CIAVATTA, Maria. *A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade*. In: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M & RAMOS, M. (Orgs). *Ensino médio integrado; concepções e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005. pp. 83 – 105.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira. *Casa Familiar Rural - a formação com base na Pedagogia da Alternância*, Florianópolis: Insular, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FRAXE, Terezinha. *Homens Anfíbios: Etnografia de uma campesinato das Águas*. São Paulo: Annablume, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. 4ª ed. Petropolis: Peirópolis. 2000.

KERR, WK, CARVALHO, GA, NASCIMENTO, VA (1996). *Abelha Uruçu: Biologia, Manejo e Conservação*. Paracatu: Açangaú.

MOLINA, Mônica e JESUS, Sonia. *Por Uma Educação do Campo: Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo. 2ª ed. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, nº 5, 2004.

NODA, Sandra. *Agricultura Familiar na Amazônia das Águas*. 1ª ed. Manaus: EDUA, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Modo Capitalista de Produção e Agricultura*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

PASSOS, Maria das Graças Serudo. *Pedagogia da Alternância: caminho possível para a formação e valorização dos sujeitos sociais do campo nos cursos do IFAM/Campus Manaus Zona Leste*. UFRRJ, Seropédica, RJ. 2011.

REVISTA DA FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA. Brasília: UNEFAB, 2005.

REVISTA DA FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA. Brasília: UNEFAB, 2006.

ZILSE, Gislene A. Carvalho. *Criação de abelhas sem ferrão*. Manaus: Pro Várzea, 2005.